

Insensatez

Ainoportunidade da greve dos policiais de Brasília em meio a um dos momentos mais críticos de toda a história da segurança pública da cidade é paradoxo que dispensa discussões. O grande espanto que a greve provoca é exatamente este: o de ser um erro político monumental não percebido pelas lideranças da categoria, que pretendem sensibilizar a população para os seus dramas profissionais.

O que têm conseguido até aqui é o contrário: aprofundar o desgaste da categoria junto à opinião pública e estimular o crescimento da criminalidade na cidade.

Não há dúvida de que as condições de trabalho dos policiais podem melhorar. É preciso, no entanto, ajustar tais necessidades à realidade conjuntural do Governo do Distrito Federal. Em termos comparativos, o policial brasileiro é dos mais bem pagos do país. Não significa isso que deva se conformar com suas carências, mas que precisa levar em conta essa circunstância antes de radicalizar.

Todo processo de reajuste salarial deve seguir o rito de negociações. A greve é um direito, mas é o cartucho final, depois de esgotadas as demais etapas. No caso presente, isso não aconteceu. Havia a determinação prévia de fazer a greve, de usá-la como instrumento de pressão política contra o GDF, servindo-se do quadro de agravamento da criminalidade.

Imaginaram as lideranças dos policiais civis que, temerosa dos efeitos do movimento paredista, a população pressionaria o gover-

nador a ceder, fossem quais fossem as reivindicações. Tal não aconteceu. A opinião pública tem adotado comportamento crítico diante da atitude das lideranças sindicais, identificando com clareza o caráter político do movimento.

O gesto insensato dos policiais civis cerceia direitos da cidadania — impede, por exemplo, que familiares de presos os visitem nos dias regulamentares — e ameaça a autonomia do DF no quesito segurança pública. O governador Cristovam Buarque teme, e com razão, que a paralisação leve o Congresso Nacional a propor a submissão institucional da Polícia Civil do DF à Polícia Federal.

Brasília, afinal, é mais que uma simples cidade: é a capital da República, com a responsabilidade de sediar os poderes constituídos e o corpo diplomático aqui acreditado. Não pode, diante de tais responsabilidades, curvar-se a caprichos de lideranças irresponsáveis, que abdicam do caráter missionário da profissão em nome de interesses políticos paroquiais.

Não há como dissociar a rebelião do presídio da Papuda do ambiente de anarquia e autoritarismo que greve de semelhante natureza estabelece. Que outras surpresas os policiais reservam ao contribuinte brasileiro, que, com seus impostos, lhes paga os salários?

O bom senso exige o fim da greve e a retomada de negociações, em bases razoáveis, entre policiais e GDF. Insistir no movimento paredista é assumir as responsabilidades pelo aumento da violência na cidade. As consequências não serão amenas.